

Mulheres na produção cultural: as representações do feminino nas Obras *Bordados* e *Lendo Lolita em Teerã*¹

Maria Adriana NOGUEIRA²

Geilson Fernandes de OLIVEIRA³

Pâmella Rochelle Rochanne Dias de OLIVEIRA⁴

Daiany Ferreira DANTAS⁵

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

RESUMO

O presente trabalho pretende investigar a escrita produzida por mulheres que representam mulheres, no campo da produção cultural. E para isso, analisamos as obras *Bordados*, de Marjane Satrapi, e *Lendo Lolita em Teerã*, de Azar Nafisi, que relatam depoimentos de mulheres iranianas que se reúnem para conversar e compartilhar suas experiências e anseios. Além disso, analisamos como essas mulheres se constituem como sujeitos diante de contextos opressores, onde suas vozes são socialmente ocultadas. Nessa perspectiva, utilizamos como referência os estudos sobre a construção de identidade de Hall (2002) e o conceito de diáspora de Hall (2003), e a representação do feminino em Beauvoir (1970). Observamos que apesar do rigor religioso do seu país essas mulheres buscam o amor em suas vidas e a emancipação sexual, ainda que às escondidas.

PALAVRAS-CHAVE: *Bordados*, *Lendo Lolita em Teerã*, Feminino, Resistência

Considerações iniciais

Realizar uma pesquisa demanda não apenas escolhas, mas experiências e aprendizados adquiridos pelo pesquisador ao longo de sua vida. A proposta deste trabalho é fruto de experiências vivenciadas ao longo da graduação e também enquanto uma pesquisa de iniciação científica.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Interdisciplinar, da Intercom Júnior – VII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação - 8º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, email: nogadriana@yahoo.com.br.

³ Estudante de Graduação - 8º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, email: geilson_fernandes@hotmail.com.

⁴ Estudante de Graduação - 8º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, email: pamella_rochelle@hotmail.com.

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, email: daianyd@gmail.com.

Através de estudos e investigações sobre o papel da mulher na produção cultural, o presente trabalho visa analisar as obras *Bordados* da escritora Marjane Satrapi e *Lendo Lolita em Teerã* da escritora Azar Nafisi. Ambas as escritoras, escrevem sobre mulheres que vivem em contextos opressores, no caso específico, o Irã.

Os estudos sobre as mulheres estiveram por muito tempo relegados ao esquecimento, e no setor de produção cultural é notória historicamente a sua completa exclusão, em detrimento de uma hegemonia masculina. As escritoras Marjane Satrapi e Azar Nafisi desafiam as normas e padrões sociais e deslocam-se para o mundo público, atuando como produtoras culturais. E é justamente nesse deslocamento que as duas autoras tornam-se grandes nomes do setor de criação, retratando em suas obras aspectos da vida cotidiana de mulheres iranianas.

Ao escolhermos as duas obras como objeto de pesquisa, problematizamos a questão remanescente de como essas mulheres, encontrando-se em contextos periféricos, nos quais suas vozes são socialmente ocultadas, conseguem constituir-se enquanto sujeitos atuantes de sua história.

Buscando compreender a problemática em questão, utilizamos como referência os estudos sobre a construção de identidade de Hall (2002) e Bauman (2005); as representações femininas de Beauvoir (1980) e o conceito de diáspora de Hall (2003) para analisarmos a luz da teoria a temática pesquisada.

A escolha da temática e do *corpus* aqui apresentado ampara-se na perspectiva teórico-metodológica dos estudos culturais e elege como método de procedimento a análise de conteúdo, tendo em vista que contemplam os objetivos propostos neste trabalho. Com isso, pretendemos discutir e compreender sobre a questão da identidade feminina e contribuir como aporte teórico para trabalhos posteriores.

As representações do feminino em *Bordados* e *Lendo Lolita em Teerã*

Apesar da mulher hoje ter conquistado um espaço significativo na sociedade, inserindo-se nos mais diferentes ambientes sociais, ainda existe uma exclusão no setor de criação, pois é notória uma hegemonia masculina. Tendo em vista que a maioria dos trabalhos sobre mulheres não são produzidos por mulheres, Dantas (2006, p. 60) afirma que “as mulheres não representam as mulheres”. Por este motivo, julgamos importante

investigar a escrita produzida por mulheres que representassem mulheres, no campo da produção.

Nessa perspectiva, para a realização deste estudo analisamos a HQ autobiográfica *Bordados* (2010) da escritora iraniana Marjane Satrapi, obra que reúne depoimentos de mulheres, suas experiências amorosas e sexuais em relatos que surpreendem ao se considerar os estereótipos da mulher do Irã, já que a sexualidade feminina é considerada um assunto tabu naquela sociedade.

A autobiografia em quadrinhos da iraniana Marjane Satrapi pode ser vista como uma das obras de maior repercussão do gênero nos últimos anos, o que justificaria a nossa escolha pela obra da escritora, pois são conhecidas as dificuldades que esse gênero enfrenta no seu contexto de produção.

Acreditamos ser importante, neste momento a apresentação da obra *Persepolis*, que apesar de não ser o objeto da presente pesquisa, foi a partir desta obra que a escritora consolidou-se. Em 2004, *Persépolis* foi considerada a melhor história em quadrinhos na Feira do Livro de Frankfurt. Devido ao grande sucesso, a obra teve os direitos de publicação vendidos para mais de 20 países, entre eles o Brasil, onde foi publicada pela Cia das Letras. A obra ainda foi transformada em um longa de animação em 2007, vencendo o Festival de Cannes e sendo indicada ao Oscar de Melhor Animação em 2008.

Outro importante aspecto que consideramos relevante é que Satrapi, apesar de sua condição de mulher, consegue sua inserção na produção de massa, fato extremamente marcante, principalmente por ela ser iraniana. O que nos leva ao seguinte questionamento: quantas iranianas existem na área da produção da cultura de massa? Foi pensando em questões como essas que decidimos pesquisá-la.

Visando analisar as escritas de mulheres que se auto-representam, encontramos em *Bordados* um objeto bastante profícuo. Na obra, observamos relatos de várias mulheres que se reúnem na sala, onde passa a ser o seu espaço para a troca de experiências, resistência e aprendizado na sua constituição enquanto sujeitos.

Identificamos, em sua escrita uma representação do universo feminino, um olhar sensível sobre a mulher entremeadado com o tecido social. Diante da inquietação e desejo de estudar como essas mulheres constituem-se enquanto sujeitos diante de contextos opressores, entramos em contato com outra obra, *Lendo Lolita em Teerã* (2006), escrita por Azar Nafisi, uma mulher iraniana, que utiliza assim como Satrapi a produção cultural para se auto-representar.

Embora as duas obras pertençam a gêneros diferentes, sendo que *Lendo Lolita em Teerã* é um romance literário, e *Bordados* um romance gráfico, ambos relatam histórias de grupos de mulheres, que apesar de toda a repressão imposta pelo novo regime autoritário de seu país, reúnem-se para trocar suas experiências e anseios.

A obra *Lendo Lolita em Teerã*, narra a história de sete mulheres, que se reuniam na casa da professora Azar Nafisi todas as quintas-feiras durante o período de dois anos. Algumas eram de famílias conservadoras e religiosas, outras eram progressistas e seculares. Entretanto, como observa a autora da obra, independentemente das suas origens, das suas crenças e da sua formação, seus dilemas eram compartilhados e se originavam do confisco pelo regime dos seus momentos mais íntimos e das suas aspirações privadas (NAFISI, 2006).

Em *Lendo Lolita em Teerã*, identificamos que estas reuniões tinham como função um momento de refúgio, no qual elas conseguiam aos poucos exprimir os seus temores, a sua raiva e seus desesperos diante de uma vida que se tornava a cada dia mais difícil para a mulher iraniana, dada a intolerância do novo regime.

Todas as quintas-feiras, na casa da professora Nafisi, elas despiam suas burcas e se deixavam mostrar como realmente eram, tanto externa quanto interiormente. Ali, naquela sala, longe do poder institucionalizado, a professora e suas alunas vestiam calças *jeans*, camisetas, maquiavam-se e riam à vontade, esquecendo-se das imposições políticas e sociais de seu país.

A escolha das duas obras se deu a *priori* pelo desejo de compreender como essas mulheres se constituem politicamente enquanto sujeitos em contextos de repressão. Para isso, buscamos analisar a representação e construção da identidade feminina nas duas obras apresentadas.

Procurando comparar a representação da identidade feminina nas duas obras e entender como as escritas de si contribuem para a visibilidade dessas mulheres, utilizamos de alguns conceitos como hibridismo e diáspora do percussor dos estudos culturais, Stuart Hall.

Tendo em vista que essas mulheres saem de um terreno periférico e análogo, para migrarem para o protagonismo na produção cultural, Hall (2003) descreve que o fenômeno da diáspora ocorre quando existe um deslocamento que denuncia sua alteridade. A ambivalência de suas obras deve ser vista como fenômeno de hibridismo visto que

transitam nas divisas do hegemônico em contínuas negociações, decorrente de sua condição social no espaço que ocupam e isto as constitui como sujeitos híbridos.

Bordados e Lendo Lolita em Teerã, retratam mulheres que vivem em uma sociedade totalmente opressora, na qual são marginalizadas. No entanto, observamos que mesmo diante de tal contexto opressor, há uma resistência dessas mulheres quanto a sua condição social, pois apesar do rigor religioso de seu país essas mulheres buscam o amor em suas vidas e a emancipação sexual, mesmo que às escondidas.

A mulher no campo da produção cultural

A história cultural tem permitido ampliar os campos de estudos com a inclusão dos excluídos, pois, ainda no século XX as mulheres eram vistas como “sujeito inferior”, precisando lutar para serem aceitas em espaços considerados de domínio masculino.

Para estudar a história de uma forma mais subjetiva, talvez o melhor caminho seja a partir da obra literária, embora a literatura esteja mais sob o domínio do estético do que documental, pois, são muito tênues os caminhos entre ficção e realidade. “No entanto, a verdade que a ficção pode trazer importa mais do que uma suposta realidade, uma verdade que escapa, às vezes, à pesquisa histórica ou à pesquisa considerada científica” (LOPES, GALVÃO, 2001, p. 85).

Dessa forma, a verdade implícita dentro de uma obra literária pode funcionar como uma fonte histórica para um pesquisador se ele pensar o autor e personagens como intérpretes e representações de uma determinada configuração social.

Valorizando a configuração das obras *Bordados e Lendo Lolita em Teerã* como a representação de dois retratos possíveis do universo feminino, a presente pesquisa busca embasamento teórico nas representações do feminino de Beauvoir (1970), nas teorias da sexualidade desenvolvidas por Foucault (1998), nas concepções de identidade em Hall (2002) e Bauman (2005), bem como no conceito de Diáspora de Stuart Hall (2003).

São relativamente recentes os estudos voltados para o feminismo, pois, ao longo do tempo esses foram relegados ao esquecimento. A história das mulheres, na qual elas se tornam objeto de pesquisa, segundo Michelle Perrot, surge na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos nos anos de 1960 (PERROT, 2007).

Ainda, segundo Perrot, vários fatores contribuíram para trazer à tona as mulheres como objeto de estudo, principalmente a presença feminina nas universidades que cresceu

de forma expressiva a partir do final da segunda guerra mundial. “Assim nasceu o desejo de outro relato, de uma outra história” (PERROT, 2007, p. 20).

A passagem das mulheres do mundo da vida privada para o mundo da vida pública foi se consolidando ao longo do século XX, Simone de Beauvoir é uma referência quando pensamos nos estudos do gênero feminino, principalmente no texto em que questiona o que significaria ser mulher: “não se nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1980, p.09). A autora destaca que o papel e o lugar que a mulher assumiu na história sempre lhe foram impostos pelo poder masculino. Assim, a mulher sempre recebeu o legado de ser o outro do sujeito homem.

A escrita, portanto, trouxe a oportunidade da mulher se expressar e de se auto-representar como sujeito do discurso. Para Beauvoir, a feminilidade não poderia ser vista como algo da natureza da mulher, mas como produto da cultura e da história em que ela está inserida, e com isso, inaugura um pensamento de desconstrução acerca do universo feminino (BEAUVOIR, 1980).

Hélene Cixous, outra estudiosa do feminismo ascende à discussão destacando que é “é preciso que a mulher se escreva; que a mulher escreva sobre a mulher e que traga as mulheres para a escrita, da qual foram tão violentamente afastadas como o foram dos seus corpos” (CIXOUS, *apud* DUBY; PERROT, 1991, p. 376). A mulher passa a ter a consciência de que não é apenas uma figurante no mundo, e passa a assumir papéis importantes na sociedade, impondo-se enquanto sujeito que tem o domínio da palavra.

As escritoras Marjane Satrapi e Azar Nafisi, autoras das obras pesquisadas, retratam vivamente a inserção das mulheres no setor da criação. E apesar de pertencerem a regimes totalitários, como é o caso do Irã, conseguem consolidar-se no contexto da produção cultural.

As duas obras narram a história de mulheres iranianas que vivem sob o rigor religioso, e que procuram reunir-se para conversar e compartilhar experiências, ou simplesmente expor seus medos e aspirações. Verificamos também a questão da sexualidade que é frequentemente discutida nas duas obras. Neste aspecto podemos recorrer a Foucault (1988), defensor de que o regime vitoriano ainda nos sujeita até hoje, pois assuntos como o sexo são contidos e reduzidos ao silêncio, levados para o recôndito espaço privado.

De acordo com o autor, a partir do século XIX, a sexualidade passa a não ser mais discutida de forma natural, ao contrário, questões referentes ao sexo deveriam ser ocultadas e silenciadas pela sociedade:

a sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal legítimo e procriador dita a lei. Impõem-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo (FOUCAULT, 1988, p. 9).

Constatamos nas obras *Bordados* e *Lendo Lolita em Teerã* que as discussões sobre sexo sempre são realizadas no espaço da sala, lugar este onde as suas personagens procuram compartilhar suas dúvidas e experiências, já que a sociedade islâmica as proíbe. Isso ocorre porque assuntos como esses não devem existir, como não deve existir a sua menor manifestação (FOUCAULT, 1988).

A sexualidade é permitida apenas para ambientes fechados, como o quarto, no caso específico das personagens o assunto é manifestado dentro da sala, “porque fora desses locais, o puritanismo moderno teria imposto seu tríplice decreto de interdição, inexistência e mutismo” (FOUCAULT, 1988, p.10).

No entanto, essa formulação em termos de relação ao sexo leva ao seguinte questionamento: se o sexo é reprimido, isto é, fadado a proibição, o simples ato de falar sobre ele é uma forma de transgressão. Dessa forma, entendemos que essas mulheres diante de contextos opressores, resistem e lutam pela sua emancipação sexual, mesmo que seja às escondidas.

Essa discussão toma ainda mais complexidade quando observamos que suas autoras rompem as fronteiras do público e do privado, no momento que trazem essas discussões para as suas obras, transgredindo o modelo até então imposto pelo poder institucional.

Para fundamentar melhor esta pesquisa, tendo em vista que buscamos analisar a construção da identidade feminina nas duas obras, utilizamos conceitos de identidade para compreender a constituição dos sujeitos representados no objeto pesquisado.

Para discussão de tais questões, buscamos explicações teóricas que possam fornecer uma compreensão mais ampla dos processos que envolvem a construção da identidade. E para isso, utilizamos o conceito de Stuart Hall desenvolvido no âmbito dos estudos culturais. Segundo ele, a identidade é algo que sempre está em formação/mutação ao longo

do tempo, através de processos conscientes e inconscientes, não sendo algo inato e definido desde o momento do nascimento (HALL, 2002). Ela permanece sempre incompleta, está sempre em processo, sempre sendo transformada.

Assim, em vez de falarmos em identidade como uma coisa acabada deveríamos falar de identificação e vê-la como um processo em andamento (HALL, 2002). Ao contrário do pensamento essencialista do sujeito do iluminismo, visto como possuidor de uma identidade fixa e imutável, as identidades do sujeito pós-moderno são fragmentadas e descentralizadas (HALL, 2002, p. 46).

O conceito de identidade apresentado nos fornece mecanismos para compreender o processo de construção das identidades dessas mulheres, que têm suas vozes silenciadas, mas que, através da troca de diálogos entre si conseguem que suas vozes sejam amplificadas, constituindo-se enquanto sujeitos de suas histórias.

Como afirma Hall (2002, p. 13) “não existe uma identidade fixa e imutável”, e Bauman (2005) corrobora sua visão quando defende que

Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para ‘identidade’ (BAUMAN, 2005, p. 17).

Nas últimas décadas “quase todo mundo fala sobre identidade”, talvez porque esteja acontecendo uma crise de identidade, como demonstra Mercer (1999, *apud* WOLLDUARD, 2008, p. 19). A identidade só se torna um problema quando está em crise, quando algo se supõe ser fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza. A crise de identidade é característica da contemporaneidade, pois só faz sentido quando vista no contexto das transformações globais.

O papel da mulher por muito tempo esteve associado à figura da mãe e dona de casa. Com a globalização, a mulher ascende em seu papel e passa a figurar na produção de criação, antes dominada exclusivamente por homens. Marjane Satrapi e Azar Nafisi representam essa nova identidade da mulher, pois ambas permeiam o cenário da produção cultural.

O conceito de *diáspora* torna-se pertinente, pois, segundo descreve Hall (2003), a confortadora “narrativa do eu” rompe-se, ou seja, no contemporâneo acontece um

deslocamento de identidades, nos processos de resistência que insurgem nos discursos globalizantes.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade [...] essa perda de um 'sentido de si' é chamada de deslocamento ou descentramento do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo – constitui uma 'crise de identidade' para o indivíduo (HALL, 2003, p. 9).

O sujeito uno surgido no iluminismo desloca-se, acontecendo uma permeabilidade no campo cultural em que as fronteiras tornam-se um espaço para circulação de idéias. O sujeito periférico, descentralizado, desloca-se para o centro das pluralidades dos discursos, ou seja, tomando emprestadas as palavras de Hall (1997) acontece uma “reorientação dos sujeitos”.

Para as mulheres que fazem parte do setor da criação, a diáspora passa a ser compreendida como o momento de migração para o mundo público atuando como produtoras do campo da cultura.

Considerações finais

Observamos a partir do que foi exposto que as autoras Marjane Satrapi e Azar Nafisi desafiaram os padrões sociais e as normas impostas de seu país e deslocam-se para o mundo público, atuando como produtoras culturais. E que apesar de sua condição de mulher conseguem inserir-se na produção de massa, mesmo vivendo dentro de contextos de opressão e sujeição.

Retratando em suas obras aspectos da vida cotidiana de mulheres iranianas, identificamos que as obras *Bordados* e *Lendo Lolita em Teerã*, configuram-se como dois possíveis retratos do universo feminino. A escrita, portanto trouxe a oportunidade para essas mulheres se auto-representar, e constituir-se politicamente enquanto sujeitos de sua existência.

Apesar de viverem dentro de um contexto de sujeição, no qual suas vozes são abafadas, encontram no privado um cenário de segregação que se torna palco dos processos de resistência contra uma sociedade cada dia mais difícil para a mulher islâmica.

Referências

- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1989.
- BAUMAN, Z. **Identidade**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: A experiência vivida**, 2. ed. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980
- CIXOUS, H. **O lugar das mulheres na produção cultural**. In: DUBY, G; PERROT, M (orgs.). *História das mulheres no ocidente: o século XX*. São Paulo: Afrontamento, 1991
- DANTAS, D. F. **Sexo, mentira e HQ: representação e autorepresentação das mulheres nos quadrinhos**. Dissertação. UFPE: Recife, 2006.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 13 ed. Trad: de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988..
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad: SILVA, T. T; LOURO. G. L. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HALL, S. **Da diáspora, Identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende et all. UFMG: Belo Horizonte, 2003.
- LOPES, E. M. T; GALVÃO, A. M de oliveira. **História da educação**. Rio de janeiro: DP&A, 2001.
- NAFISI, A. **Lendo Lolita em Teerã: memória de uma resistência literária**. Rio de Janeiro: bestbolso, 2009.
- SATRAPI. M. **Bordados**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- WOODWARD, K. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.